

SIMPÓSIO AT157

TÉCNICO EM SECRETARIA ESCOLAR: SUJEITO E REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA

SANTANDEL, Maria Aparecida da Silva
UFMS (PPGL)
mariasantandel@gmail.com

GUERRA, Vânia Maria Lescano
UFMS (PPGL)
vaniaguerra1@terra.com.br

Resumo: Este trabalho estuda o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento e Diário *Online*, ocorrido nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul - enquanto política de gestão institucional e escolar – e como ele contribuiu para o construto identitário dos servidores públicos - Técnicos em Secretaria Escolar, capacitados pelo Programa Profuncionário. Analisamos a materialidade discursiva, a partir da escrita virtual postada no Formulário *online Google Drive*, as possíveis representações desses profissionais, por meio dos discursos e das relações que estabelecem com outros discursos. O *corpus* envolve recortes discursivos postados durante o acontecimento da implantação do Sistema Oficial de Planejamento e Diário *Online*, instituído nas unidades escolares da rede estadual de ensino durante o ano de 2014. O campo teórico-metodológico traz a Análise do Discurso de origem francesa, a arqueogenealogia foucaultiana, cuja epistemologia crítica se pauta nas contribuições de Foucault (1992, 2008), Coracini (2007) e Guerra (2015) que consideram a subjetividade, o acontecimento, a memória, os interdiscursos e as relações de poder, bem como na escrita virtual segundo Lévy (2004, 1996). A representação de técnico ideal que habita o imaginário desse sujeito condensam-se aos discurso(s) que fundamenta(m) a abordagem tecnicista e midiática. Portanto, essa discursividade é construída por meio de dicotomias que revelam o caráter ideológico de inferioridade da variável do não-docente.

Palavras-chave: Sujeito; Discurso; Construto Identitário; Resistência; Subjetividade.

Abstract: This work studies the event of the deployment of the system of planning and Online Diary, occurred in the State schools of Mato Grosso do Sul-while institutional and school management policy – and how he contributed to the identity of the construct public servants-School Secretary, technicians trained by the Profuncionário Program. We analyse the discursive, materiality from the virtual writing posted on online form Google Drive, the possible representations of these professionals, by means of speeches and establishing relations with other speeches. The corpus involves discursive cutouts posted during the event of the Official system of planning and Online Journal, established in school units of State schools during the year 2014. The

theoretical-methodological field brings the discourse analysis of French origin, the arqueogeneologia foucaultiana, whose critical epistemology based on the contributions of Foucault (1992, 2008), Coracini (2007) and Guerra (2015) considering the subjectivity, the event, the memory, the interdiscursos and the power relations as well as in the virtual writing according to Lévy (2004, 1996). The ideal technical representation that inhabits the imagination of this subject condenses the discourse (s) on which the technical and media approach. Therefore, these discourses is constructed through the dichotomies that reveal the ideological character of inferiority of non-variable.

Keywords: Subject; Discourse; Identity Construct; Resistance; Subjectivity.

Subjetividade e alteridade, um olhar discursivo

Refletimos sobre a constituição identitária do sujeito Técnico em Secretaria Escolar, doravante (TSE) como o sujeito do entre lugar - conforme foco analítico em questão, a partir de reflexões resultantes da pesquisa - dissertação de mestrado (SANTANDEL, 2012) – que permitiram possibilidades de escavações outras que emergem para esta atual pesquisa. Aplaudimos a perspectiva discursivo-desconstrutiva - ancorada na essência língua/linguagem em que o sujeito está inserido. Esta particularidade de interpretação presente na escritura está alicerçada na esteira foucaultiana das relações de saber/poder cruzadas com a(s) memória(s) e implica-se em sentidos outros. Logo, objetivamos refletir como o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento e Diário *Online*, ocorrido nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul, enquanto política de gestão institucional e escolar, contribuiu para o construto identitário dos servidores públicos intitulados como “Técnicos em Secretaria Escolar” (TSE), capacitados pelo Programa Profuncionário¹.

Para o campo teórico-metodológico, trazemos a Análise do Discurso de origem francesa, a arqueogeneologia foucaultiana, cuja epistemologia crítica se pauta nas contribuições advindas das obras de Foucault (1992, 2008), Coracini (2007) e Guerra (2015) que consideram a subjetividade, o acontecimento, a

¹ Os servidores públicos da rede estadual e municipal de ensino receberam capacitação em cursos técnicos dentro do programa denominado Profuncionário, implantado pelo MEC e Secretaria de Estado de Educação, oferecido na Escola Estadual Afonso Pena, no município de Três Lagoas (MS), entre os anos de 2007 e 2010; e continua sendo ofertado no município atualmente.

memória, os interdiscursos e as relações de poder, bem como na escrita virtual segundo Lévy (2004, 1996).

No intuito de identificar as múltiplas vozes que perpassam essas subjetividades, problematizamos as projeções que o sujeito faz de si e do outro. Em “A escrita de si”, Foucault (1992), se referindo à individualização propriamente dita da memória, remete à Antiguidade para analisar o que seria uma das primeiras formas de escrita de si, que buscava a individualidade e o movimento interior: uma escrita que possuía como material os pensamentos, as ações diárias para se evitar o mau comportamento. Forma textual que pode se aproximar assim, da confissão, de uma arma que combateria o mal e que provocaria o autoconhecimento. Esse seria o papel da escrita na cultura filosófica. A partir da ideia de que a escrita de si é sempre escrita do outro, do outro de si, neste artigo intentamos compreender como se dá a relação de sentidos e os processos de identificação e de exclusão com relação à memória, à resistência e à subjetividade no espaço virtual (GUERRA, 2015). Escrever é reinventar, construir um outro ficcional como forma de preenchimentos das lacunas.

Nesse sentido, ao trazermos este sujeito da resistência, conforme esteira foucaultiana, buscamos provocar o “desequilíbrio” possibilitado diante do ato interpretativo do dizer - uma vez que a própria condição da linguagem - move “falhas constitutivas”. Logo, queremos causar o desconforto com o que está exposto na/pela ilusão do “real” – trabalhado pelas marcas deixadas como rastro de/da alteridade. Assim, entendemos o (TSE) como o sujeito da (in)completude conforme teoria já posta.

1. Apropriações teóricas: Sujeito da (in)completude

Considerando a problemática levantada neste estudo e o referencial teórico que o fundamenta, se faz necessário adentrarmos no conceito de sujeito e de incompletude uma vez que permeia o processo analítico. Ao considerarmos que o sujeito vivencia a angústia constitutiva da identidade de técnico em relação à identidade (alteridade) docente, afirmamos que o sujeito está em constante busca de/para realização - fortemente presente – após o

processo de formação técnica. O conceito de identidade que aplaudimos está relacionado na descrição do indivíduo tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado – sempre na perspectiva da alteridade. Não tem como, na atualidade, direcionarmos o conceito de identidade sem considerarmos os aspectos sócios culturais que permeiam a sociedade contemporânea. As condições de produção estão relacionadas aos sentidos que eclodem, inconscientemente, no dizer. Logo, não é apenas no/pelo texto que constroem os sentidos.

É válido ressaltar que os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa apontam para o modo como a subjetividade e as identidades são engendradas no jogo da linguagem, permitindo que lancemos o olhar discursivo ao *corpus* para (re)significarmos os efeitos de sentidos presentes nas formações discursivas, em que o sujeito de linguagem se inscreve. Nessa perspectiva, consideramos também a relação de saber/poder (FOUCAULT, 2008) existentes no contexto do trabalho e no espaço escolar. Relações estas que deslocam a perspectiva desse sujeito técnico promovendo a presença do sujeito desejante – e sempre de falta constitutiva. Concordamos com Lima e Mascia (2011, p. 261) ao afirmarem que as instituições escolares mobilizam interações sociais pautadas nos efeitos de sentidos que fomentam a veiculação de verdades e saberes como aliadas à disseminação do poder. Logo, esse sujeito, vivencia o *status quo* que lhe atribuem na educação, cindido pelo “limite institucional”: mesmo na era da tecnologia avançada, a incompletude o cerca, o determina. Esta falta constitutiva, de incompletude também está presente na escrita de si, na escrita virtual onde o ciberespaço - por si só - não contempla toda a dimensão subjetiva do discurso. Nessa esteira, nos pautamos sobre o sujeito discursivo no que concerne às abordagens do acontecimento e do discurso/poder, que se articulam às propostas dos estudos culturais de Hall (2005), bem como à análise da escrita virtual, a partir de Lévy (2004, 1996).

Diante disso, o discurso é sempre (re)organizado; (re)costurado; (re)significado porque permite diferentes retomadas subjetivas já que o uso do "usuário final", ou seja, “do sujeito que consideramos em determinado instante,

não faz nada além de continuar uma cadeia de usos que restringe o dele, condiciona-o sem contudo determiná-lo completamente”. Há, portanto, a técnica do hipertexto, “uma imensa rede flutuante e complicada de usos, e a técnica consiste exatamente nisto”. (LÉVY, 2004, p. 36). E ainda ocorre a impossibilidade de controlarmos o sentido diante da tessitura de qualquer texto, conforme afirma Coracini (2007, p. 33): “cada leitura realiza um corte na superfície aparentemente homogênea do texto, corte que, como na cirurgia, é suturado a cada nova leitura, a cada novo momento em que o leitor produz sentido, interpreta.” É neste contexto que Medeiros e Guerra (2015, p. 277) afirmam que “o sujeito imagina que o discurso seja seu, enquanto que na verdade, seu discurso é controlado, selecionado, organizado e distribuído segundo regras que sua posição sócio-histórica lhe permite”. Portanto, o espaço escolar enquanto instituição de ensino move relações de poder presentes na/pela linguagem.

Coracini (2010, p. 10) afirma que, “inevitavelmente, todo texto fala de seu autor, todo texto carrega em si traços daquele que escreve, e que, portanto, se inscreve naquilo que produz”. Foucault (1992, p. 143) considera que o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” [...]. E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – “de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade”.

2. Escavações: Materialidade Discursiva

Sendo a linguagem o lugar por excelência do embate do subjetivo com o real com que se defronta o indivíduo, o discurso torna-se o ponto de articulação entre esses dois processos – o interno e o externo –, já que os fenômenos linguísticos não podem estar dissociados das condições histórico-sociais em que ocorrem. Essas condições de existência atravessam o sujeito, clivando-o, resultando na/da ideologia, entendida como um sistema de ações/relações que o homem produz para balizar imaginariamente sua presença na realidade. Assim, a análise de um campo discursivo busca compreender o enunciado em

sua singularidade de acontecimento (FOUCAULT, 1987, p. 31), procurando elucidar as condições de sua emergência e estabelecendo relações com outros discursos. Diante disso, o processo analítico pauta-se na metodologia foucaultiana (1990; 1992), a partir dos pressupostos teóricos da arqueologia discursiva e da genealogia do poder em que são levados em consideração as regularidades discursivas, as dispersões dos enunciados e a função enunciativa, no bojo das relações de saber-poder e de resistência.

Partimos da noção de recorte para assumir que o dispositivo teórico-analítico discursivo apresenta as condições necessárias para a prática analítica de objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes. Esse dispositivo permite ao analista mobilizar, na relação teoria-prática, as diferenças materiais, sem que as especificidades de cada materialidade significativa sejam desconsideradas (ORLANDI, 1996). Usamos dois recortes (R1 e R2) ancorados nas perspectivas das representações de si mesmo, a partir das condições de produção e dos pressupostos teóricos que partem de uma visão que vem desestabilizar os sentidos já cristalizados.

R1 - **Me sinto reconhecido** dentro do contexto educacional.

R2 - **Me vejo mais capacitado** para exercer minhas funções.

Com base na materialidade “**Me sinto reconhecido (...)**”. “**Me vejo mais capacitado** para exercer minhas funções”, é possível depreendermos que R1 e R2 ao utilizarem os verbos, no tempo presente do indicativo “**sinto, vejo**”, deixam emergir o efeito de sentido afirmativo de individualização, de responsabilização – que está relacionado ao processo do sujeito técnico “ideal” – que, para nós, é consequência da ilusão/vontade de verdade. Esta relação de individualização e da responsabilização é decorrente da dinâmica que o sistema *online* transmite como ideologia, da interface cibernética, da perfeição esperada da/pela prática profissional unitária uma vez que, no mundo virtual do Sistema de Planejamento, cada técnico recebe, para acesso ao gerenciamento dos dados, um *login* e uma senha, que são intransferíveis e de responsabilidade única do TSE, confirmando assim, as relações de

poder/saber (FOUCAULT, 2008) para sua atuação. Isso porque a competência e a produção deste sujeito ao gerenciar as informações são, a todo tempo, gravadas e acompanhadas pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais (COTED). Em detrimento deste assujeitamento, o sujeito aciona a memória discursiva (inconscientemente evocada) trazendo para si sentimentos de responsabilização ao se ver, e ser visto, como o maior responsável pelo sucesso e/ou insucesso de tais tarefas. Esse efeito de sentido é reforçado por meio do uso dos adjetivos qualitativos - **“reconhecido, capacitado”** – seguidos do advérbio de intensidade **“mais”**, sinalizando um diferencial em relação ao presente desejo de completude (em relação à representatividade técnica). Os adjetivos qualitativos emergem devido ao movimento de alteridade existente: Lima e Mascia (2011, p. 261) entendem que as instituições escolares mobilizam interações sociais pautadas nos efeitos de sentidos que fomentam a veiculação de verdades e saberes como aliadas à disseminação do poder. Logo, este sujeito vivencia o *status quo* que lhe atribuem na esfera educacional e no espaço escolar. Verificamos que mesmo na era da tecnologia avançada, a incompletude o cerca, o determina porque não basta o conhecimento técnico, tem que ocorrer a observância da política institucional do Sistema de Gerenciamento de Dados Escolares - SGDE, coordenada pela Secretaria de Estado de Educação/SED/MS. Aqui eclodem a importância e o compromisso que o sujeito engendra em desempenhar o melhor de si, apesar das adversidades do contexto escolar na era tecnológica.

Em decorrências da subjetividade, o saber e a competência dependem, necessariamente, da desenvoltura que cada técnico terá ao manusear o sistema *online* e ao garantir o cumprimento de suas tarefas dentro dos prazos propostos pela Secretaria de Estado de Educação (SED/MS), devidamente regimentadas pela emissão de CI Comunicações Internas. Nesse movimento, estabelecem os direitos e deveres dos sujeitos em questão, de acordo com os lugares socialmente ocupados, diferenciando cada qual com sua ação: instaura-se a possibilidade de projeção, representada pelo biopoder, sob o viés dos estudos foucaultianos.

À guisa de um final

O processo analítico possibilita traçarmos algumas reflexões em que emerge a representação identitária do sujeito técnico escolar como sujeito que se encontra perpassado pela incompletude, mesmo após a formação recebida, uma vez que seu discurso se move nas trilhas da individualização e da responsabilização. Esses dizeres se encontram relacionados ao processo do sujeito técnico “ideal” – que, para nós, é consequência da ilusão/vontade de verdade. O sujeito TSE está submetido às relações de saber/poder, à disciplinarização, envolto pela vigilância, pelo monitoramento, já que o Sistema de Planejamento e Diário *Online* permite o acompanhamento sistemático de todas as ações realizadas.

Os resultados, ainda que iniciais, nos levam a entender que a constituição identitária do sujeito técnico, sujeito à margem da educação e da sociedade, é perpassada pela incompletude, pela falta, pelo desejo de ser reconhecido e valorizado. A representação de técnico “ideal” que habita o imaginário desse sujeito vai ao encontro do(s) discurso(s) que fundamenta(m) a abordagem tecnicista e midiática, presentes nos dizeres das formações do século XXI em que, inconscientemente, há a ilusão de completude e a vontade de verdade aflorada pela memória. Vale dizer que essa discursividade é construída por meio de dicotomias que revelam o caráter ideológico de inferioridade da variável do não-docente.

Referências:

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORACINI, Maria J. 2010. **Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im) possibilidade de ensinar**. In: Eckert-Hoff, Beatriz & Coracini, Maria José. Eds. *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras. p. 17-50.

_____. As concepções da leitura na (pós-) modernidade. In: Lima, Regina Célia C. P. (org.) **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: UNIFEOB, 2007, p. 15-44.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes [Trabalho original publicado em 1975], 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [Trabalho original publicado em 1969], 2008.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

_____. Escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. Antonio F. e Edimundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, p. 129-160. 1992.

GUERRA, Vania M. L. Olhares sobre a subjetividade e o movimento identitário do excluído: poder e resistência. **Anais do IV Colóquio Internacional de Análise do Discurso**. Setembro de 2015. Universidade Federal de São Carlos. Disponível em <http://www.ciad.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/07/G5-Olhares-sobre-a-subjetividade.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2019 às 14 h.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 103-133.

LÉVY, Pierry. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: 34, 1996.

_____. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34. 2004.

LIMA, Taís A. MASCIA, Márcia A. A. (Re)torcendo os fios do discurso político educacional da EaD: uma análise de documentos do MEC. In: CORACINI, Maria J. UYENO, Elzira Y. MASCIA, Márcia A. A. (orgs). **Da letra ao Píxel e do Píxel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p. 261-284.

MEDEIROS, Solange A. de; GUERRA, Vania M. L. Um olhar discursivo sobre a indisciplina na sala de aula: os movimentos identitários na era digital. In: GUERRA, Vania M. L.; NASCIMENTO, Celina A. de S.; SOUZA, Claudete C. de. (orgs). **Sociedades contemporâneas: diversidade e transdisciplinaridade**. Campinas: Pontes, 2016, p. 271-302.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTANDEL, Maria A. da S. **Marcas da escrita virtual em fotolog: (des)identidade, (dis)curso e memória**. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012. 128 p.